



ARCHEOGRAPHIA LOCAL

AS SIGLAS DA PONTE

Em 1897, por occasião do alargamento e reparos da ponte da villa de Ponte do Lima, obtivemos (1) a quasi totalidade das marcas abertas nas pedras d'este interessante e deturpado monumento archeologico. A' excepção d'alguns arcos, partindo do largo da Alegria para a villa, todos os mais exhibem, na profusão da sua cantaria, grande quantidade de signaes, frequentemente repetidos; e ainda nos passeios da Rua Agostinho Taveira e da Alameda marginal deparam-se-nos muitos outros gravados em pedras que anteriormente faziam parte de construcções annexas á ponte, e, ha muitos annos já, tinham sido demolidas e utilizadas da sorte que hoje se vê.

O sentido das marcas em pedras, existentes principalmente nos monumentos medievicos, promoveu, entre nós, a elaboração d'uma memoria exclusivamente restricta á sua interpretação (2). Mas já precedentemente um estrangeiro illustre que se occupou de assumptos de arte em Portugal (3) pozera reparo em semelhantes signaes, inclinando-se a suspeitar que elles representassem, porventura, uma linguagem symbolica usada pelos franco-maçãos. O critico não se pronuncia decisivamente e até lhe parece—o que é menos verdadeiro—que existe pouca semelhança entre as marcas e só em pequeno numero se repetem. Assim é, confinando-se o observador nas series das trez planchas que interpola no livro. O archeologo portuguez, todavia, que nas reproducções enqua-

(1) Mercê do probo e antigo funcionario das Obras Publicas do districto de Viana, sr. JOSÉ BENTO DA ROCHA PEIXOTO, parente do A.

(2) J. P. N. DA SILVA, *Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des siges qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*. Lisbonne, 1868.

(3) A. RACZYNSKI, *Les arts en Portugal*, Renouard et C.^o eds. Paris, 1846.

E' na auzenzia do amo que se conhece o bom creado.

dradas em XLV planchas não vê, por equal, identidade de signaes, esforça-se e limita-se a demonstrar que taes marcas nada teem que vêr com a famosa corporação nascida na Lombardia.

A hypothese de Raczynski não era absolutamente desara-zoada em face do numero restricto de elementos de que dispoz para exame, e ainda porque, então e hoje, se attribuíam com muita plausibilidade á interferencia da maçonaria a construcção de varios monumentos nacionaes: o mosteiro da Batalha, por exemplo, «surgindo repentinamente, imprevisamente, esporadicamente, na corrente da architectura portugueza, como a flôr desconhecida de uma planta exotica.» (1)

Demais, além de se saber da existencia d'uma linguagem symbolica, traduzida na escripta por uma especie de hieroglyphos convencionaes, a lembrança d'outros precedentes similares accu-diria certamente ao pensamento: os signaes dos escudos gregos, diversos para sicyonianos, para lacedemonios e para messenios (2); os losangos, as aguias, os crescentes, as corôas de louros e os raios alados que, nos escudos, distinguiam os differentes corpos de tropas romanas (3); as marcas de propriedade, de tribu, de parentesco, em certos povos barbaros, nas habitações, nos animaes, nos proprios homens, e de que posteriormente os brazões do armorial e recentemente as marcas de fabrica (4) são e foram uma maneira identica de distincção.

Ante a multiplicidade de signaes n'um mesmo monumento e a presumida ausencia de similitude entre os de varias edificações

(1) RAMALHO ORTIGÃO, *O culto da arte em Portugal*, pag. 33. Pereira ed. Lisboa, 1896. N'este livro encontra-se excellentemente resumido (pag. 33-46) o eminente papel da franco-maçonaria. os seus intuitos primordiaes, a sua esthetica, a sua sciencia e os seus admiraveis serviços á arte e á religião.—ESTEVES PEREIRA, *Industria Portugueza (Seculos XII a XIX)*. Lisboa, 1900. O A. d'este opusculo traslada resumidamente o escriptor precedente (pag. 14-5) sem citar a fonte, o que não é caso novo. Veja *Portugalia*, I, pag. 661.—CONDE DE SABUGOSA, *O poço de Cintra*, pags. 209-13 e figuras intercaladas. Imp. Nac. 1903. O A. compendia'o que estava averiguado, parecendo inclinar-se para a explicação de Possidonio da Silva.—Veja ainda algumas notas d'est'ultimo, na memoria atraz citada.

(2) E. GUHL et W. KONER, *La vie antique*, I, *La Grèce*, pag 341. Rothschild ed. Paris, 1884.

(3) GUHL et KONER, Ob. cit. II, *Rome*, pag. 460.

(4) J. DENIKER, *Les races et les peuples de la terre*, pag 163. Schleicher ed. Paris, 1900.

E' um grande mal não fazer o bem.

coevas, o archeologo Possidonio da Silva conclue e decide que taes marcas nada entendiam com os signaes do antigo rito maçonico. Acresce ainda que em outros monumentos de construcção anterior á organização das confrarias dos pedreiros livres já appareciam marcas lapidares. E naturalmente ignorava então factos muito mais remotos mas de aquisição ulterior: além das bipennas do palacio de Knossa (1) e da bipenna com outros symbolos porventura rituaes de Phaestos (2), as siglas da silharia d'um edificio em ruinas tambem cretense (3) mas que Stillmann então considerava como marcas de carpinteiro.

As nossas seriam, pois, uma especie de assignatura convencional para que cada operario, revelando o que trabalhára, soubesse e desse a saber quanto lhe era devido pelo labor. Esta opinião fôra ulteriormente partilhada, entre nós, por dois investigadores muito illustres; um, a proposito da igreja de Santo Antão, em Evora, assignalando que as numerosas marcas dispersas pela silharia do templo serviam para a avaliação do trabalho e maneira da collocação (4); o outro reconhecendo, por igual, nas 74 cifras decalcadas nos despojos da primitiva fabrica do mosteiro de Odivellas, os signaes com que os obreiros faziam denunciar a sua obra na contagem (5).

E' famosa a profusão de siglas em todos os monumentos medievicos da Hespanha; e mesmo anteriormente já os canteiros romanos marcavam a silharia das suas muralhas, como ainda tam nitidamente se vê e distingue, por exemplo, nas fiadas horisontaes dos solidissimos lanços sobrepostos aos muros cyclopicos de Tarragona! E as considerações que sobre ellas poderíamos formular são extensivas ás que se exhibem nos monumentos portuguezes.

(1) RENÉ DUSSAUD, *Questions mycéniennes*, in *Rev. de l'Hist. des Religions*, pag. 50, tom. LI. Leroux, ed. Paris, 1905.

(2) S. REINACH, *Les fouilles de Phaestos en Crète*, in *L'Anthropologie*, pags. 678-82, tom. XII. Masson, ed. Paris, 1901.

(3) PERROT e CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, VI. *La Grèce primitive*, pags. 461-2, fig. 174. Hachette, ed. Paris, 1884.

(4) GABRIEL PEREIRA, *A igreja de Santo Antão* in *Estudos eborenses*, XI, pag. 13. Minerva Eborensis. Evora, 1887.

(5) BORGES DE FIGUEIREDO, *O primeiro architecto de Odivellas e Monumentos historicos*, in *Rev. Archeologica*, pags. 150, 180 e nota 2. Est. XIX, Tom. I. Lisboa, 1887.

Feliz o homem a quem Deus dá uma santa mãe.

Ora comparando os signaes do monumento de Ponte do Lima com os das estampas que acompanham a monographia de Possidonio da Silva e ainda com os das duas primeiras planchas do livro de Raczynski (aliás tambem reproduzidas na memoria precedente) é precisamente a semelhança e por vezes a quasi perfeita egualdade figurativa o que impressiona desde logo. Esta identidade não significa, de modo algum, que se trate de signaes combinados entre membros d'uma mesma corporação — como tambem julgou ainda recentemente um antiquario hespanhol a proposito de dois templos da Corunha de estylos e portanto de epochas diversas (1)—mas sim outra causa que escapou ao archeologo portuguez: a limitação graphica dos illetrados e o parallelismo das suas faculdades artisticas, ainda mesmo que se trate de povos de varia stirpe.

Não paga a pena, tam minusculo é este insignificante topico archeologico, cotejar, individuando, marca a marca. Umas considerações geraes, apenas, serão sufficientes para a elucidação do caso. Em primeiro logar os signaes de configuração e complicação ornamental mais intrincada são sempre raros. Depois, adstringindo-nos á serie de Ponte, observa-se que taes marcas são: letras maiusculas e minusculas; algumas incompletas e até tam imperfeitas que lembram certos caracteres que os analphabetos tentam por copia; outras, mal traçadas, como é frequente vêr-se na escripta popular; certas invertidas, excluindo mesmo as que podem ser vistas em posição indevida; algumas, então, floreadas como os S S, na factura das quaes é facil vêr comprazerem-se as pessoas quasi incultas. Ha ainda os algarismos — e sabe-se que muitos artifices só escrevem os dez signaes da numeração arabe. Temos, por fim, os traços parallellos, os angulos, os triangulos, os rectangulos, as cruces, as ingenuas combinações, como em toda a arte popular, das linhas rectas, curvas e mixtas.

Certo que uma imaginação exuberante poderia ver no triangulo o esquadro symbolico; nos S S e em certos circulos, emblemas heliacos; bandeiras, insectos, um tridente, mesmo. Mas tudo isto em si resume as limitadas faculdades de humildes artifices

(1) MARTINEZ SALAZAR, *Signos lapidarios*, in *Bolet. de la Comision provincial de monumentos historicos y artisticos de Orense*, pags. 313-18 e est. Tom I. Orense, 1901.

Conhece-se a mulher pelo trajar.

sobreviventes empregados pelos canteiros¹ (1), e ainda, nas ruínas já citadas de Knossa, entre as marcas encontradas, varias se exhibiam analogas a elementos do alphabeto cypriota. (2) Anotemos ainda que semelhantemente os pescadores da Povoia de Varzim marcam todos os utensilios de pesca d'um dono com o mesmo signal: um, dois ou mais *piques* (traços) parallellos, angulos, triangulos, signos e cruces (3), como já bem remotamente usavam os egypcios nos seus barcos (4), como certos roumanos assignalam ainda a propriedade individual na sua indumentaria e utensilios de trabalho, independentemente dos caracteristicos de cada aldeia (5); como os esquimós usam nas suas flechas e arpões, como os habitantes das ilhas Aleoutas procedem nos remos das suas naves e os australianos nas suas armas (6). Em S. Sylvestre da Ermida, na Serra da Amarella, por igual se marcam a canivete e a fogo as armações das vaccas, para, no regimen das vezeiras, se distinguirem os donos, identicamente ao que succede, em Cutello, na freguezia de Cibrões, onde as rezes teem impressos, nos chifres, algarismos, letras, cruces e outros signaes lineares, na Cabreira ainda, com marcas nas orelhas, nos paus, nos coxões (7), e por fim nas oviarias transhumantes² que da Estrella annualmente veem a Montemuro, e distinctas, conforme a propriedade, por um numero, um az ou uma ferradura (8). Os lagareiros extremenhos possuem a sua numeração convencional (9); os ten-

(2) REINACH, *La Crète avant l'histoire*, in *L'Anthropologie*, pags. 2-3. Tom. XIII. Paris, 1902.

(3) PERROT et CHIPIEZ, *Ob. cit.*, pag. 461.

(4) E' transparente o intuito e significado das numerosas cruces esculpidas nos silhares d'uma construcção que se chama a *Ponte do Diabo*, em Cahors: PAUL SÉBILLOT, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions de tous les pays*, pag. 223. Rothschild, ed. Paris, 1894.

(5) J. DE MORGAN, *Recherches sur les origines de l'Egypte*, pag. 91 e segs. Paris, 1897.

(6) *L'Anthrop.* cit. XVII, pag. 446. Paris, 1906.

(7) E. GROSSE, *Les débuts de l'art*, trad. de E. Durr, pags. 103-4. Alcan ed. Paris, 1902.

(8) ROCHA PEIXOTO, *Survivances du régime communautaire en Portugal* in *Annaes scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, pag. 214, Tom. III. Imp. da Universidade. Coimbra, 1908.

(9) ROCHA PEIXOTO, *ob. cit.*, pags. 215 e 220.

(10) VIEIRA NATIVIDADE, *Note ethnographique sur les chiffres usés dans les pressoirs d'olives dans l'arrondissement d'Alcobaça*,—Alcobaça. 1891.

Mulher poupada vale um dote.

deiros marcam a giz as dividas dos clientes, exprimindo vintens, tostões e outras quantias, por traços, circumferencias avulsas ou tangentes, com diâmetros ou seccantes; e com entalhas incisas n'uma vara se contam, na lavoura, os cestos de grão que se arrecadam, as vasilhas que sahem ou entram no lagar ou ainda outras occupaões dos jornaleiros, como em Barroso, os quaes, para tal, já trazem, n'um dos bolsos, seu pausinho. E' o que succedia nos tempos prehistoricos, narrando-se, analogamente historias de caças e registrando-se até mensagens (1); é o processo adoptado em algumas communas pyrenaicas, inscrevendo-se n'um pau as entalhas expressoras, e só pelos serranos comprehendidas, das imposições aos deputados, por exemplo (2); é o que acontecia, não ha muito, em Montesinho, registrando-se n'uma só vara as variadas contribuições dos visinhos a saldar, por um delegado, na recebedoria de Bragança.

Por fim, até em industrias mais cultas, as marcas, nas faianças por exemplo, bem se identificam frequentemente (3) com as letras bisonhas dos canteiros d'outr'ora.

E tal meio de contagem, de diferenciação e mesmo de annotação de acontecimentos, ainda sobrevivente, nem é peculiar de certos povos nem pouco remoto: vem já dos tempos quaternarios (4) antecedendo outras mnemonicas mais complicadas, passando á pictographia e annunciando já a escripta—que artifices mais lettrados aproveitarão, ou gravando, por exemplo, nas telhas romanas os nomes dos consules ou estampando nos tijolos egypcios, (5) a partir da epocha thebana, as *cartouches* reaes.

Porto, Janeiro, 1909.

ROCHA PEIXOTO.

Rocha Peixoto— Director da Bibliotheca Municipal do Porto, e collaborador da magnifica publicação—*Portugalia*. O seu talento vem, dia a dia, evidenciando-se nas diversas modalidades da sciencia historica. Prehistorica, archeologia, epigraphia, etc., a tudo se entrega com infatigavel ardor, sendo hoje a sua opinão consideradissima no paiz.

1 J. DÉCHELETTE, *Mannel d'archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*, pag. 235. I. Picard, ed. Paris, 1908.

2 H. TAINÉ, *Voyage aux Pyrénées*, pag. 172. Hachette, ed. Paris, 1900.

3 JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *Exposição de ceramica*, ests. I e II (Separata da *Rev. de Sociedade de Instrução do Porto*). 1883.—FIGUEIREDO DA GUERRA, *Arquivo Viannense*, pag. 80. Vianna do Castello, 1895.—JOSÉ QUEIROZ, *Ceramica Portuguesa*, dicc. das marcas. Lisboa, 1907.—*Portugalia*, Tom. II, pag. 487-9.

4 DENIKER, *Ob. cit.*, pag. 161.—DÉCHELETTE, *Ob. cit.*, pag. 235.

5 PERROT et CHIPLEZ, *Ob. cit.*, II, *L'Égypte*, pag. 506, fig. 288.